



Partidos políticos como organizações de filiados: os militantes petistas e tucanos em São Paulo.

Luís Gustavo Locatelli, UFSCar

Email: l.g.b.l@hotmail.com

Pedro Floriano Ribeiro, UFSCar

Email: pfribeiro@ufscar.br

GT05 Comportamento, opinião pública e cultura política

Resumo¹

O objetivo é investigar os militantes do PT e do PSDB no estado de São Paulo, comparando os membros e os membros jovens – enfatizando "partyontheground". A finalidade é suprir dois hiatos da atual literatura: primeiro, contribuir para a compreensão dos partidos paulistas como organizações de filiados, analisando o seu perfil, motivações e interesses no interior dos partidos políticos. Para isso, apoiado, de um lado, no Modelo do Engajamento Cívico os constrangimentos sociais vinculados à participação; e do outro, nos Modelo Geral dos Incentivos e Modelo Tricotômico do Engajamento, avaliando os tipos de membros e a intensidade de participação conforme os seus interesses. Segundo, determinar os impactos das relações entre os jovens e as instituições democráticas, analisando comparativamente suas ressonâncias na função representativa dos partidos. Para isso, foram utilizados dois *surveys* realizados com militantes (2013) e com militantes jovens (2015) de ambos os partidos, além de alguns documentos partidários. Os principais achados apontam para disparidade de recursos cívicos dos membros e membros jovens frente ao eleitorado e a predominância da mobilização de intensidade via incentivos coletivos de participação no caso dos jovens petistas, e eficácia da ação individual no caso dos tucanos.

¹*Paper* decorrente da dissertação de mestrado: Gerações Militantes: bases partidárias petistas e tucanos em São Paulo, defendida em março de 2017: PPGPOL/UFSCar. Os autores agradecem os professores Ednaldo Ribeiro e Simone Diniz pelos comentários e sugestões.

1) Entre recursos e participação: *partymemberships* como um fenômeno político multidimensional

Party memberships são fenômeno político multidimensional, pois podem ser compreendidas, de um lado, como recurso organizacional, impactando na economia interna das organizações, desse modo englobando fundamentalmente relações de custos e benefícios. E do outro, também atuam como um canal de comunicação e participação política, visto que conectam elites políticas aos eleitores massificados e dispersos – “*linkagefunction*” (SCARROW, 1996; 2000; 2015). Na definição de Knut Heidar (2007, p.301) filiação partidária consiste em: “an organizational affiliation by an individual to a political party, assigning obligations and privileges to an individual”. Os conceitos de *filiados* e *militantes* estão inseridos na tipologia clássica dos *círculos concêntricos* de Duverger (1985), utilizado para descrever o tipo de vínculos e o grau de envolvimento nos partidos políticos.

Segundo Scarrow (2014, p.8), o arquétipo é integralmente derivado das ciências naturais, do modelo atômico de Neils Bohr – cientificamente vigente na primeira metade do século XX. O núcleo do “átomo partidário” é composto pelos líderes e os eleitos (elites), os militantes ocupam a camada imediatamente posterior, e assim sucessivamente entre filiados, simpatizantes e eleitores. Os mais próximos ao núcleo são aqueles que mais doam ou “trocam” energia e tempo à causa, sendo a composição hierárquica diretamente proporcional – o foco dessa análise são os militantes: filiados com elevado grau de participação.

De acordo com Van Haute e Gauja (2015, p.13) os estudos inaugurais e sistemáticos sobre *partymembership* aconteceram no âmbito das análises de participação política, possivelmente nos anos cinquenta (Ver: Campbell e Rokkan, 1960²). A principal convergência metodológica foi a ênfase quase que exclusiva em “medidas subjetivas” auferidas via *surveys*. Tais caminhos inaugurais foram fundamentais, especialmente para compreensão dos fatores que incidem no “lado da oferta”; ou seja, os atributos e disposições daqueles que buscam os partidos políticos.

Nos anos setenta, enquanto reflexo do ganho de fôlego das chamadas formas alternativas de participação, houve o declínio do interesse pelas modalidades “tradicionais” de engajamento. As análises dos “participacionistas” foram aos poucos sendo substituídas pela

²A hipótese de Campbell e Rokkan (1960, .380) é: “that formal education and occupational position will make less difference in the level of political activity in a class-distinct party system such as the Norwegian and more difference in a system of two socially and economically highly heterogeneous parties such as the American”

emergente atenção entre os pesquisadores das organizações partidárias na Europa; o que na prática significou tratar a filiação não apenas como uma modalidade de “*input*” – “*linkage*”, mas também como recurso organizacional e de poder.

Inicialmente, análises organizacionais com algum foco em filiação privilegiaram indicadores “diretos”; fundamentalmente de natureza agregada (quantitativos de filiados) objetivando dimensionar quantitativamente o fenômeno. Os trabalhos inaugurais inspirados em Duverger – como à clássica análise de Bartolini (1983), que verificou a variação da *M/E* entre os anos de 1889-1978 nos partidos socialdemocratas europeus – dimensionavam o fenômeno através dos registros partidários ou de órgãos reguladores governamentais³.

Os estudos iniciais já postulavam a tendência de queda de filiações, baseando-se, sobretudo, nos picos de ingresso do pós-45 (SCARROW, 2000; 2007). A comparação entre países de modo sistemático via indicadores “diretos” de filiação foi somente realizada por Katz e Mair em 1994, sendo atualizada e ampliada nos demais trabalhos posteriores (Ver: VAN BIEZEN, *et al*, 2011e VAN HAUTE *et al*, 2016). Whiteley e Seyd (1992; 1994) realizaram trabalhos inaugurais em âmbito nacional, que alternavam medidas “objetivas” e “subjetivas”. De certa forma, os estudos sobre filiação são recentes e crescem somente a partir dos anos 90, principalmente atrelado ao diagnóstico de declínio da filiação na maioria das democracias europeias e o recuo da dimensão representativa dos partidos políticos (BARTOLINI e MAIR, 2001; VAN BIEZEN *et al*, 2011; VAN HAUTE *et al*, 2016).

A combinação de métodos “objetivos” e “subjetivos” buscava tanto inserir uma forma de triangulação dos dados, diante dos eventuais problemas nos registros dos partidos (ver Mair e Van Biezen, 2001), assim como aprofundar analiticamente desde o âmbito agregado (*aggregate data*) para o individual (*individual data*). O “retorno” das medidas “subjetivas” implicou na recuperação de parte significativa das teorias de participação, assim como alguns seus principais avanços: *rationalchoice* e o *voluntarismo cívico*.

No Brasil, o aumento das filiações (atualmente cerca de 11,3% do eleitorado conforme dados do TSE) transcorre paralelamente ao declínio dos níveis de filiação dos jovens, com envelhecimento dos filiados acima do populacional, profissionalização das campanhas e o incremento do acesso dos partidos aos recursos públicos, o que indicaria um desestímulo ao

³ *Membership/Voters(M/V)* indicador desenvolvido por Duverger em 1954 para medir a força das organizações partidárias de massas, devido a problemas de comparação pela volatilidade eleitoral, tal indicador foi posteriormente substituído por *Membership/Electorate (M/E)* desenvolvido por Bartolini (1983). Outros muitos trabalhos como de Katz (1990); Katz e Mair (1994); Mair e Van Biezen (2001); Mair, Van Biezen e Poguntke (2011); Scarrow e Gezgor (2010); Whiteley (2010) e, recentemente, Van Haute e Gauja (2015); Van Haute *et al*, (2016) também recuperam o que talvez seja o mais difundido indicador dos estudos sobre organizações partidárias.

aumento de filiados e à participação militante (RIBEIRO e LOCATELLI, 2015).

Em perspectiva comparada, baseado em dados de diversos *surveys* transnacionais, Scarrow e Ponce (2014), contrariamente o esperado pela literatura, demonstram que democracias presidencialistas possuem maior capacidade de atração de filiados. Ribeiro e Locatelli (2017) demonstraram, através de dados agregados (dados oficiais dos partidos), abrangendo 152 partidos em 22 países (incluindo Brasil, México e Chile), encontraram que países mais pobres compensam a ausência de recursos financeiros via mobilização de filiados. Em São Paulo, Ribeiro (2014), Amaral (2014), utilizando *surveys*, apontam para razoáveis níveis de participação nos partidos paulistas, mas com diferenças de intensidade entre eles – com índices mais elevados no PT, seguido do PSDB e outros.

Diante disso, o objetivo é investigar os partidos como organizações de filiados e militantes, analisando PSDB e PT, dois dos mais importantes partidos políticos brasileiros, no estado de São Paulo, através de um recorte geracional (jovens e os demais membros) entre os anos de 2013 e 2016⁴. A dinâmica geracional é central no estabelecimento e transformação dos vínculos entre partidos e sociedade, conforme aponta Pizzorno (1966, *apud* SPECK *et al*, 2015) é necessário, ao menos, *uma geração e meia* para maturação de tais laços – cerca de 30 anos (SPECK *et al*, 2015). No caso brasileiro, a atual geração de jovens – entre 16 e 30 anos – é nascida já no transcurso da democracia e está começando a interagir com as instituições representativas e democráticas. As principais questões encaminhadas são:

1. O que estimula as organizações partidárias a ainda continuarem permitindo entrada de novos adeptos? Quais são a intensidade e o tipo da participação que buscam incentivar?

2. O que motiva indivíduos a buscarem os partidos políticos? E se tornarem ativos? Quais são seus objetivos? Como participam?

Os fatores que incidem no quadro de filiação e participação dos partidos devem ser compreendidos em três níveis, que podem atuar como variáveis dependentes e/ou independentes (HEIDAR, 1994, 2007; SCARROW *et al*, 2014; RIBEIRO e LOCATELLI, 2017):

- A. *Sistêmico*, fatores que impactam o “lado da oferta”, tais como nível socioeconômico, modernização, cultura política; ou elementos institucionais, como os tipos de regime, Estados federativos ou unitários, *politysize*, sistemas partidários, eleitorais, ciclos eleitorais e outras regras ou normalizações.

⁴O recorte temporal está inteiramente vinculado à disponibilidade dos dados, visto que não há séries temporais derivadas de *surveys* aplicados regularmente nas bases dos partidos.

- B. *Organizacional*, perspectiva dos partidos, ou seja, do “lado da demanda” análise a partir da *abordagem organizacional*, observando como e quanto cada partido estimula ou não a participação dos filiados (ou militantes).
- C. *Individual*, perspectiva daquele que participa (indivíduo), isso é, o “lado da oferta”, análise a partir das *teorias da participação política*, especialmente o *voluntarismo cívico* (VERBA *et al*, 1995), observando os recursos e habilidades cívicas dos indivíduos e sua interação com o “ambiente”⁵. Os interesses e objetivos individuais também serão considerados, entendidos, sobretudo, como percepção dos custos e benefícios privados da participação (*rational choice*).

O que motiva indivíduos a buscarem os partidos políticos? Essa questão foi respondida de diversas maneiras, dentre elas, através das teorias dos incentivos organizacionais, na qual as organizações permutam incentivos por participação. Panebianco (2005) destaca dois tipos de incentivos: *coletivos* e *seletivos*. Whiteley e Seyd (1992) qualificam e expandem a caracterização propondo o *Modelo Geral dos Incentivos*, repartindo os seletivos em duas qualidades: *resultados* e *processo*. O primeiro está relacionado aos benefícios privados auferidos na participação, como um processo estimulante e desvinculado dos objetivos oficiais e causas defendidas. O segundo aparece atrelado aos bens individuais, objetivos tais como *benefícios materiais* e *status* (cargos, dinheiro e contatos privilegiados).

Ao tratar dos incentivos coletivos, os autores ampliam a possibilidade de racionalidade no cálculo individual dos benefícios da participação para “racionalidade coletiva”, na qual o indivíduo avaliaria o melhor para o grupo, deslocando o eixo do cálculo de custo-benefício em favor do partido. Os incentivos coletivos estão estreitamente relacionados aos “*objetivos oficiais*” dos partidos, consequentemente suas ideologias. Segundo Whiteley e Seyd (1992), esse tipo de incentivo divide-se em duas espécies: incentivos coletivos positivos e negativos. O primeiro relacionado à promoção de políticas, e o segundo através do sentido de alteridade frente a outro partido.

Bruter e Harrison (2009), a partir dos tipos de incentivos organizacionais, deduziram modelos de participação dos integrantes jovens nos partidos políticos europeus, em busca de compreender os tipos de motivação predominantes de determinada *party membership*, além dos elementos que afetam o tipo de inserção, atividades e nível de envolvimento partidário.

⁵Pode-se sintetizar o modelo do voluntarismo cívico nos seguintes preditores de engajamento (LEIGHLEY, 1995; DALTON, 2008): 1) Cidadãos de status social elevado tendem a participar mais, pois possuem maiores recursos e habilidades cívicas, normalmente adquiridas na escola, família ou redes associativas. 2) valores e atitudes, principalmente ideologia no caso dos partidos políticos, estão associados à participação. Anexo também o senso de eficácia da ação individual na dinâmica política. 3) Participação em certas comunidades, grupos e associações acresce a possibilidade de engajamento político: indivíduos ativos em outras organizações aumentam seus recursos e habilidades cívicas.

Assim, pode-se identificar três tipos ideais de envolvimento (*modelo tricotômico do engajamento*)⁶:

A-) *The moral-minded members*: são cidadãos que priorizam e buscam incentivos coletivos e podem agregar o *altruísmo* às motivações de adesão, ou seja, aderem aos partidos cativados pela ideologia ou por valores morais, normalmente vinculados aos objetivos manifestos dos partidos e querem influenciar a elaboração e os resultados de políticas. Eles podem encontrar no ambiente partidário um acolhimento importante entre aqueles que compartilham esses valores, tendo, portanto, na criação dos vínculos com os partidos, o modo de expressar seu engajamento social e suas crenças.

B-) *The social-minded members*: são indivíduos que enfatizam incentivos seletivos de processo: querem participar para se integrar socialmente a um grupo específico, podendo agregar a “coação social” na tomada de decisão de se filiar e participar. Buscam amizades, contatos e participação em discussões, integrações e reuniões e outras formas de entretenimento coletivo que as organizações partidárias podem proporcionar. Seu nível de atividade e envolvimento tende a ser grande devido à possibilidade de ampliar o “*funfactor*” do processo de participação, além de evitar sectarismos que levem a divisões.

C-) *The professional-minded members*: são indivíduos que enfatizam prioritariamente a busca por incentivos seletivos dos tipos materiais e de status, com o intuito de conquistar espaços na hierarquia e obter prestígio. Eles assumem a participação no partido como meio de galgar posições e se tornarem políticos profissionais ou conseguir posições e cargos. Outra possibilidade está na instrumentalização do vínculo partidário para construir redes de relacionamentos profissionais.

Desse modo, a finalidade é verificar os militantes comparativamente: (1) perfil dos militantes e suas características sociodemográficas; (2) suas motivações e objetivos; (3) a intensidade com que participam; (4) o impacto das crenças e trajetórias partidárias sobre os níveis de ativismo. Frente à tais questões, e ancorado tanto nos achados nacionais como internacionais, segue-se as seguintes hipóteses:

H1) Os militantes e militantes jovens apresentam perfil socioeconômico elevado

⁶É importante enfatizar que os modelos de membros não estão restritos ao momento do recrutamento, mas sim ao tipo de inserção e a forma de participação do militante. Conforme ressalta Scarrow (1996) os partidos devem ser capazes de recrutar, manter e “ativar” suas bases. A distribuição dos incentivos não segue lógica randômica na explicação da filiação, cada membro é caracterizado pela predominância estrutural de determinado tipo de incentivo. Há tipos distintos de membros, que realizam diferentes escolhas participativas, culminando em padrões diferenciados de inserção, atitudes e comportamentos. Os critérios de distribuição dos incentivos variam em cada caso, visto que obedecem a parâmetros internos da organização e também tendências ambientais; ambos modelam como cada partido estrutura a participação interna.

comparativamente ao eleitorado; entretanto, o PT possui maior inserção entre os jovens com menores recursos, considerando a origem e o desenvolvimento do partido próximo aos sindicatos e os movimentos sociais, especialmente em São Paulo (MENEGUELLO, 1989). A hipótese segue os achados de Ribeiro (2014) e Amaral (2014), que apontam para o perfil discrepante em termos sociais dos filiados paulistas em relação ao eleitorado, e também certas similitudes em relação aos padrões encontrados nas democracias mais consolidadas. De acordo com Whiteley (2010, p.27) “according to the civic voluntarism model, highly educated individuals with high social status should be more likely to join and become active in a political party”.

H2) os militantes paulistas de ambos os partidos participam dos partidos prioritariamente por motivações ideológicas e estão mais próximos do modelo de participação *moral-minded (incentivos coletivos)*, sendo nos jovens ainda mais intensa tal aproximação. Além disso, militantes de ambos os partidos possuem posições ideológicas distantes do centro do espectro ideológico, aspecto correlacionado a um nível maior de participação interna, sendo os militantes jovens os mais impactados pelo radicalismo ideológico. Tal hipótese segue o apontamento teórico existente na literatura internacional que assinala para prevalência dos incentivos coletivos na explicação da participação nos partidos políticos. (MAY, 1973; PANEBIANCO, 2005; YOUNG, 2013).

Ambos os partidos constituem ótimos casos de comparação, pois operam no mesmo sistema institucional e possuem pretensões majoritárias na esfera nacional (presidencial) e no estado de São Paulo. Ao longo do período analisado, ocupavam os executivos mais relevantes, ricos e poderosos do país – Presidência da República e Governo do Estado de São Paulo. A clivagem entre PT e PSDB também influi (ou influenciou, considerando as transformações recentes) no conjunto do sistema partidário, posto que ambos os partidos também lideravam os blocos oposicionistas e estruturavam eleições estaduais majoritárias nos últimos anos (LIMONGI e CORTEZ, 2010, p.37).

No âmbito organizacional, PT e PSDB possuem diferenças mais acentuadas (ROMA, 2006) com modelos originários distintos: o PSDB nasce de uma facção parlamentar de esquerda do PMDB, durante o processo constituinte de 1988. O PT segue trajetória próxima da socialdemocracia europeia, emergindo durante a transição democrática, desde os sindicatos, movimentos sociais (RIBEIRO, 2010).

Ao lado dos dados oficiais, a *survey* é uma técnica de pesquisa que permite adentrar no mundo dos filiados e subsidiar as inferências comparadas, segundo Richard Katz (1990,

p.149) “, the survey provide insight into the pluses and minuses of party membership, both directly from the perspective of the would-be member and indirectly from the perspective of the party”.

Diante disso, para responder às questões e validar as hipóteses (1 e 2) serão utilizados *surveys* com militantes jovens e com militantes em geral; aplicaram-se as mesmas questões em ambos os grupos. O primeiro *survey* foi aplicado em diversos partidos paulistas (445 respostas) em 2013, através de um projeto temático da FAPESP (nº 2012/19330-8), que obteve dados do PT (63 respostas) e do PSDB (51 respostas), a coleta ocorreu entre os meses de outubro e dezembro, abrangendo 22 municípios, a amostragem aleatória foi realizada com base no quantitativo de filiados registrados no TSE e é representativa de todo o Estado de São Paulo.

O segundo foi aplicado pelo autor (replicando grande parte das perguntas do primeiro) na Convenção Estadual do PSDB realizada em junho de 2015 na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (71 respostas) e no Congresso de juventude da JPT-SP realizada em outubro de 2015 na cidade de Presidente Prudente num local privado (74 respostas⁷), exclusivamente nos segmentos jovens, abrangendo respondentes de 36 municípios do estado. A definição de juventude adotada segue os critérios dos próprios partidos, sendo considerados jovens os membros com até 29 anos no PT e 30 anos no PSDB, levando em conta que somente os filiados dentro dessas respectivas faixas etárias podem participar das decisões nos setoriais de juventude.

A média dos respondentes do *survey* com jovens é 24 anos e pelo aplicado pelo CESOP de 43,30 anos. Ademais, é oportuno pontuar que em ambos os *surveys*, as entrevistas foram realizadas durante atividades partidárias e/ou nos diretórios, abarcando principalmente os membros com participação de “elevada intensidade” – militantes – podendo não ser uma amostra representativa de todos os oficialmente inscritos (WHITELEY e SEYD, 2002). A primeira seção discutirá no nível agregado o envelhecimento *party membership* em São Paulo. A segunda será dedicada a avaliar comparativamente o perfil dos militantes com base em algumas dimensões do modelo do voluntarismo cívico. E por último, na terceira seção, os militantes serão considerados e classificados comparativamente, segundo suas motivações e interesses, além de verificar os impactos disso no engajamento.

2) Nível Agregado: os novos “velhos” partidos paulistas.

⁷Foram impressos 250 questionários para aplicação em ambos os partidos.

Em meados de Junho de 2013, milhares de jovens capitanearam grandes manifestações populares, inicialmente ocorridas na cidade de São Paulo e, posteriormente, difundidas por todo o Brasil. Como é notório, muitos dos cartazes empunhados pelos manifestantes declaravam não ser representados pelos partidos políticos (“o povo unido não precisa de partido”; “sem partido, sem partido!”⁸). A “rebelião da juventude” não é novidade na história brasileira recente, casos análogos ocorreram durante a resistência ao regime militar, “Luta pelas Diretas Já” e redemocratização, os “Caras Pintadas” no impeachment do presidente Collor e, recentemente, no impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, que contou com movimentos encabeçados por novas lideranças jovens (UNE, Movimento Brasil Livre e Movimento Vem Pra Rua).

Norris (2002, p. 222) argumenta que em quase todas as democracias há tendências de queda nas formas tradicionais de participação, com inclinação mais acentuada nos casos europeus e nos EUA. No caso dos partidos políticos, Katz (1990) sinaliza para relevância do *gap* geracional no engajamento na Europa com queda na participação dos jovens; em concordância Whiteley (2007) destaca que os jovens estão buscando formas de engajamento alternativas aos partidos. Scarrow e Gezgor (2010) corroboram tal hipótese verificando tendências de envelhecimento da *party membership* em nove de doze países na Europa entre os anos de 1990 e 2000. No caso das novas democracias, baseados no caso brasileiro, Ribeiro e Locatelli (2016) apontam para tendências de envelhecimento dos filiados, mesmo em contexto de crescimento dos níveis de filiação.

O objetivo é analisar de *forma agregada* como ambos os partidos se relacionam com a juventude no âmbito da participação partidária, visando traçar uma perspectiva ampla das estratégias desenvolvidas pelos partidos em relação aos jovens filiados e abrir caminho para introdução dos surveys com militantes nos próximos capítulos. Para isso, foram utilizados bancos de dados, ambos obtidos no TSE com o quantitativo total de filiados em São Paulo divididos por faixas etárias entre os anos de 2008 e 2016.

A tabela I demonstra que os filiados aos partidos paulistas (37 no total) apresentam tendência de crescimento nos últimos oito anos, entretanto o aumento ocorre, sobretudo, na faixa etária dos 60+, que quase quadruplicou comparado à média de crescimento do total de filiados. As duas faixas de jovens tiveram reduções relevantes de

⁸Folha de São Paulo 18/06/2013. “Em protesto maior não tem partido”. Segundo o Datafolha em pesquisa realizada dia 13/06/2016, 84% dos manifestantes não tinham preferência partidária, 77% possuíam nível superior, 22% são estudantes, 81% dos manifestantes foram mobiliados pelo Facebook e 53% tinham menos de 25 anos de idade.

cerca de 0,5%. Os partidos já estavam envelhecidos em 2008, contudo esse processo acelerou ainda mais nos últimos anos. Por certo, o envelhecimento populacional atua de forma importante nessa dinâmica, entretanto todas as faixas etárias apresentaram variação significativa diferente da variação da população – principalmente dos 60+ – corroborando a conclusão de envelhecimento para todos os partidos paulistas.

Tabela I - Filiados e Eleitores Paulistas por Faixas Etárias em 2008 e 2016 (%)

	2008			2016			Diferença 2008/2016
	Filiados ¹	Eleitorado	Filiados/ Eleitores	Filiados	Eleitorado	Filiados/ Eleitores	
16-24	3,69 (91.633)	17,3 (5.037.660)	1,81	1,91 (60.907)	13,7 (4.418.559)	1,37	-0,44*
25-34	13,8 (342.356)	24,01 (6.998.307)	4,89	10,4 (333.15)	21,9 (7.051.302)	4,72	-0,58*
35-44	23 (572.122)	20,5 (5.991.739)	9,54	17,5 (557.02)	20,4 (6.569.935)	8,47	-1,07*
45-59	38,86 (962.659)	23,6 (6.882.943)	13,98	37,24 (1.182.149)	25,1 (8.059.733)	14,6	0,68*
60+	20,51 (508.132)	14,5 (4.232.741)	12	32,7 (1.039.016)	18 (5.993.288)	17,3	5,3*
Total	100 (2.476.902)	100 (29.143.392)	8,49	100 (3.174.001)	100 (32.093.372)	9,88	1,39*

*Diferenças significantes entre população em filiados ao nível de 0,05 Fonte: TSE

Similarmente ao contexto geral dos filiados em São Paulo, o PT e o PSDB apresentam tendências de aprofundamento no processo de envelhecimento no decorrer dos anos, (tabelas II e III) mesmo que de forma bastante atenuada em comparação ao total de filiados no estado.. A faixa etária dos 25-34 no PT-SP permaneceu estável comparativamente à variação no eleitorado, e os aumentos na faixa etária dos 60+, considerando os dois partidos, ocorreram em grau muito menor em relação ao nível estadual total – cerca de sete vezes menor no PT-SP e quatorze vezes no PSDB-SP.

Tais elementos estão relacionados às características organizacionais dos dois casos, evidenciadas, por exemplo, pela ampla penetração territorial no estado, projeção nacional, lideranças relevantes, ideologia e programas mais coesos, etc.Por esse ângulo, PSDB e PT possuem maior capacidade de mobilização dos jovens e podem alocar maiores recursos

cultivando laços com essa fatia dos filiados, observando o médio e longo prazo.

Tabela II- Filiados ao PT e Eleitores Paulistas por Faixas Etárias em 2008 e 2016 (%)

2008				2016			Diferença 2008/2016(%)
	Filiados	Eleitorado	Filiados/ Eleitores	Filiados	Eleitorado	Filiados/ Eleitores	
16-24	5,62 (15.937)	17,3 (5.037.660)	0,31	1,41 (5.422)	13,7 (4.418.559)	0,12	-0,19*
25-34	18,23 (51.711)	24,01 (6.998.307)	0,73	14,1 (54.198)	21,9 (7.051.302)	0,76	-0,03
35-44	23,84 (67.602)	20,5 (5.991.739)	1,12	20,27 (77.808)	20,4 (6.569.935)	1,18	0,06*
45-59	38,31 (108.641)	23,6 (6.882.943)	1,57	38,20 (145.902)	25,1 (8.059.733)	1,81	0,24*
60+	14 (39.659)	14,5 (4.232.741)	0,93	26,15 (100.37)	18 (5.993.288)	1,67	0,74*
Total	100 (283.550)	100 (29.143.392)	0,97	100 (383.701)	100 (32.093.32)	1,19	0,22*

*Diferenças significantes entre população em filiados ao nível de 0,05. Fonte: TSE

Diferenças e aproximações dos dois casos possuem relações estreitas com as características genéticas e de desenvolvimento organizacional. A predominância do PSDB-SP nas faixas de filiados mais velhos e menor inserção entre os mais jovens reverbera o pouco diálogo com setores estudantis e grupos de jovens organizados na trajetória do partido. Esse nicho de filiados era largamente ocupado por setores do PT e de partidos à esquerda, com sólidos vínculos com a UNE, UEE-SP, DCE(s) e centros acadêmicos tradicionais. A existência de movimentos sociais de jovens de cunho mais liberal e mais próximo do PSDB-SP é algo extremamente recente, e ocorre na esteira do enfraquecimento dos vínculos do PT com setores jovens.

Por outro lado, o PSDB ascende à Presidência da República seis anos após sua fundação, com expansão territorial rápida e favorecida pelos recursos estatais. O crescimento do partido foi assentado nos objetivos eleitorais e na busca por filiados com maiores recursos e viabilidade eleitoral. Nesse sentido, não havia estímulos para concorrer em um mercado já monopolizado pelo PT e outros partidos menores. O PSDB-SP sempre foi mais reativo do que propriamente ativo em relação aos jovens e apresenta deficiências crônicas de *accountability* vertical entre bases jovens e elites.

Tabela III- Filiados ao PSDB e Eleitores Paulistas por Faixa Etárias 2008 e 2016 (%)

2008				2016			Diferença 2008/2016
	Filiados ¹	Eleitorado	Filiados/ Eleitores	Filiados	Eleitorado	Filiados/ Eleitores	
16-24	4,28 (10.958)	17,3 (5.037.660)	0,21	2,5 (7.810)	13,77 (4.418.559)	0,17	-0,04
25-34	16,19 (41.410)	24,01 (6.998.307)	0,59	8,26 (36.686)	21,97 (7.051.302)	0,52	-0,07*
35-44	25,9 (66.322)	20,5 (5.991.739)	1,1	19,94 (60.434)	20,47 (6.569.935)	0,91	-0,19*
45-59	35,89 (91.275)	23,6 (6.882.943)	1,32	36,58 (110.872)	23,11 (8.059.733)	1,84	0,52*
60+	17,8 (45.712)	14,5 (4.232.741)	1,07	28,79 (87.267)	18 (5.993.288)	1,45	0,38%*
Total	100 (255.677)	100 (29.143.392)	0,87	100 (1303.069)	100 (32.093.372)	0,94	0,07*

*Diferenças significantes entre população em filiados ao nível de 0,05. 1-valores absolutos entre parênteses.
Fonte: TSE

De acordo com a literatura, o PT-SP foi largamente influenciado durante seu processo formativo pelas atuações dos jovens provenientes do movimento estudantil e das comunidades eclesiais de base. (MENEGUELLO, 1989; KECK,1991). Essa trajetória possui reflexos na relação atual entre PT-SP e a juventude paulista: apesar do envelhecimento da *membership*, o PT-SP apresenta menor número de filiados na faixa etária dos 34-45 e dos 60+.

Richard Katz (1990)– e recentemente Whiteley (2007,2011) –sugerem,ao observarem esse fenômeno nos partidos europeus, o envelhecimento como um importante indicador do afastamento dos partidos em relação à sociedade civil. Ao passo que desde 2013 a Avenida Paulista “explode” politicamente com jovens engajados puxando multidões nos fins de semana, os dois maiores partidos políticos brasileiros, de raízes consolidadas em São Paulo, continuam envelhecendo de modo silencioso e acelerado. Em que pese, entretanto, o caso paulista não parece uma anomalia diante das outras democracias consolidadas ou em consolidação. As nuances presentes no aumento do *gap* geracional dentro do PT e seus efeitos para militância serão discutidos e aprofundados nos próximos capítulos com auxílio dos *surveys(individual-level)*.

3) H1 - Quem adere aos partidos políticos? O perfil dos Filiados do PT e do PSDB

no estado de São Paulo.

Para parcela substantiva da literatura comportamental sobre participação política as modalidades ativismo, filiação, campanha e militância partidária são consideradas de elevado custo individuais, ou seja, demandam muitos recursos materiais, organizacionais e/ou cognitivos (HEIDAR, 2007, p.5). A regularidade encontrada reiteradamente pelos diversos *surveys* acerca do perfil dos filiados é a presença majoritária de membros detentores de elevados recursos cívicos. Os fatores vinculados ao SES ainda desempenham papel importante no engajamento partidário, demonstrando forte tendência de adaptação ao ambiente social (VAN HAUTE e GAUJA, 2015).

O consistente *gap* entre cidadãos e filiados possui consequências relevantes, visto que os achados contrariam expectativas de que os filiados deveriam ser representativos do eleitorado, facilitando o estabelecimento de elos entre os partidos e a sociedade. (PEDERSEN, 2015, p.76). Diante disso, partidos com grande homogeneidade social dos membros possuem maiores dificuldades de desempenhar funções de *linkage* e de obter legitimidade social. Por outro lado, como sugerem Spier e Klain (2015, p.94), através da observação dos partidos alemães, análises comparativas permitem matizar o diagnóstico de homogeneidade das características dos filiados.

Ao analisar o perfil da “oferta”, encontram-se características indiretamente valorizadas pela “demanda”, afinal os partidos administram os custos da manutenção dos filiados e das estruturas de participação (KATZ, 1990; SCARROW, 1996, 2000, 2015). As organizações podem ser mais ou menos porosas à participação de determinados grupos, com estruturas hierárquicas e de oportunidades mais ou menos autônomas em relação aos estímulos ambientais, escolhendo adotar estratégias de adaptação ou colonização ambiental (PANEBIANCO, 2005).

O casos históricos exemplares são os socialistas e socialdemocratas europeus com seus origens e vínculos vinculadas ao operariado. Atualmente, notam-se casos bastante ilustrativos de maior correspondência relativa entre eleitorado e filiados, exemplos: presença de minorias étnicas árabes nos partidos Kadima e o Labour em Israel; filiados *blue-collars* no SPD e no *Linkena* Alemanha, maior proporção de jovens e pobres em partidos no M5S (Movimento Cinco Estrelas) na Itália; ou mesmo superioridade do número de mulheres no Partido Socialista de Esquerda da Noruega 53% de mulheres (VAN HAUTE e GAUJA, 2015).

A “densidade” das organizações, suas trajetórias, identidades e estratégias de recrutamento e mobilização são fundamentais para explicar a maior participação de grupos

portadores de menores recursos (VERBA *et al*, 1995; SCARROW *et al*, 2014). De acordo com Scarrow (1996, p.46): “When party strategists determine how members can and should aid their parties, they are also making implicit calculations about the characteristics of the members the party should attempt to attract”.

Análises dos perfis sociais das *partymemberships* do PT e PSDB são restritas, principalmente pelas dificuldades no estabelecimento de trajetórias, o que faculta apenas comparar *snapshots* de momentos específicos. Ao contrário do recorrente em outras democracias, inexistem *surveys* nacionais exclusivos. Ainda assim, parece haver alguma correspondência entre os perfis socioeconômicos encontrados nas pesquisas com delegados (elites médias dos partidos), perfis baseados em *surveys* como o ESEB e os utilizados nesta análise (Ver: SPECK, *et al* 2016).

3.1) Party Membership, Gênero e Etnia.

Os partidos tendem a ser majoritariamente compostos por homens brancos; algo não restrito apenas às instâncias de comando e a *public office*. Interno à camada *rank and file*, parcela das desigualdades do topo também são reproduzidas. Apesar de PT e PSDB disporem de organizações ancilares destinadas ao recrutamento e socialização de mulheres, negros e outras minorias, ambos os partidos ainda permanecem sendo pouco receptivos às filiadas e militantes minorias. Conforme demonstra a tabela IV e V, ambos os *surveys* com filiados e filiados jovens evidenciam existência de expressiva assimetria de gênero e etnia.

Por outro lado, há diferenças significativas entre os partidos e entre gerações de filiados. O PT-SP demonstra superioridade em relação ao PSDB-SP em atrair mulheres no *survey* realizado com jovens, cerca de 12% de jovens filiadas a mais no PT-SP em relação ao PSDB-SP. Assim, percebem-se tendências opostas entre gerações; no PT-SP mulheres jovens é superior comparativamente ao total e o oposto ocorre no PSDB-SP, na qual mulheres jovens estão em menor número relação ao total.

Tais achados são congruentes com os estudos exclusivos sobre o PT e pesquisas comparativas entre PT e PSDB (Avelar, 2007; Ribeiro, 2010; Amaral, 2010; Meneguello *et al*, 2014). No âmbito internacional, de acordo com Haute e Gauja (2015), a média das principais democracias europeias, Canadá e Israel encontrada nos *surveys* é de 33,3% de mulheres nas *memberships* (com variação entre 5% e 53%).

Tabela IV- Filiados ao PT e ao PSDB por Gênero

	PSDB-SP		PT	
	Survey Jovens	Survey (CESOP)	Survey Jovens	Survey (CESOP)
Homens	74,3 (52)	69,20 (36)	63,4 (45)	68,3 (43)
Mulheres	25,7 (18)	30,80 (16)	36,6 (21)	31,7 (20)
Total	100	100	100	100

Fonte: Survey

Filiados-SP,

CESOP, 2013, Survey Filiados jovens-SP, aplicado pelo autores, 2015

Ao analisar os obstáculos da inserção das militantes na hierarquia petista, Ribeiro (2010, p.174 e 175) destaca dois fatores relevantes: o primeiro relacionado à própria conformação ecológica do mundo partidário e político; seus símbolos, atributos e expectativas cristalizadas desde a ótica masculina. E segundo, a “tripla jornada” – trabalhos domésticos, emprego e participação partidária – funciona como impeditivo importante ao ingresso e participação nas atividades partidárias (RIBEIRO, 2010).

Ainda assim, diferenças entre PT e PSDB em relação ao número de mulheres podem ser como desdobramento dos vínculos históricos do petismo com movimentos feministas. Tal relação de estreita proximidade tornou o PT comparativamente mais resistente às desigualdades de gênero, favorecendo que tal questão estivesse em debate mesmo que os ganhos relativos fossem apenas efetivados paulatinamente⁹. Nesse sentido, o PSDB se adapta mais às assimetrias presentes no meio político e na própria sociedade. Assim, observa-se que a isonomia de regras e incentivos acaba impondo barreiras e custos de participação semelhantes para atores com recursos cívicos assimétricos, resultando em barreiras informais de acesso, participação e ascensão.

O elemento étnico é o segundo eixo de assimetrias, que tende a apresentar relevante ressonância na composição das bases dos partidos; minorias étnicas são usualmente sub-representadas nas *memberships* partidárias em proporção existente no eleitorado. Excetuando raríssimos casos em alguns países, expressiva maioria dos partidos europeus, canadenses e israelenses são sobre-representados por brancos de origem europeia – imigrantes ou cidadãos oriundos de outras etnias são largamente marginalizados.

⁹Evidência disso, foi o 4º Congresso do PT em 2011, em que se aprovou a paridade de gênero em todos os órgãos do partido “demanda” antiga e conquistada aos poucos pela ala de mulheres.

Assim como no caso das mulheres, o equilíbrio entre oferta e demanda tende a favorecer determinados grupos étnicos em detrimento de outros, desfalcando os setores minoritários (RAHAT e KENIG, 2015; NORRIS e LOVENDUSKI, 1995). Diante disso, os partidos terão mais dificuldades de compor listas de candidatos ou indicar ocupantes para cargos de determinados grupos não suficientemente integrados em suas *partymemberships*. A tabela V abaixo demonstra a composição étnica dos filiados ao PT-SP e PSDB-SP encontrada nos *surveys* e sua comparação em relação à população do estado de São Paulo.

Tabela V- Filiados ao PT e PSDB por etnia em São Paulo (%).

	Jovens PSDB-SP	PSDB-SP (CESOP)	PT-SP (CESOP)	Jovens PT-SP	População
Branco	73,2 (52)	75 (39)	61,9 (39)	54,1 (40)	63,91
Negro	2,8 (2)	3,8 (2)	9,5 (6)	28,4 (21)	5,52
Pardo	21,1 (15)	17,3 (9)	23,60 (15)	14,9 (11)	29,11
Amarelo	1,4 (1)	3,8 (2)	3,20 (2)	1,4 (1)	—
Indígena	1,4 (1)	0 (0)	1,60 (1)	1,4 (1)	—

Fonte: Survey Filiados-SP, CESOP, 2013, Survey Filiados jovens-SP, aplicado pelo autor, 2015 e Fundação SEEAD - SP. (N=269)

Em conformidade com a literatura internacional, o PSDB-SP apresenta sobre-representação de brancos comparativamente à população estadual; o mesmo ocorre também em relação aos jovens tucanos, sub-representados em todos os demais grupos étnicos. Em termos de mobilização de minorias, o Tucanafro (secretariado de igualdade racial do PSDB) foi fundado nacionalmente em 2013 e o primeiro simpósio com secretariados estaduais foi realizado apenas em 2014. Em sentido amplo, pouca atenção é dispensada na ampliação dos canais internos capazes de tornarem os negros numerosos e politicamente mais relevantes. Exclui-se ainda, o lançamento e o suporte de candidaturas de negros. A esfera de atuação do setorial étnico é circunscrita às secretarias e aos conselhos de igualdade racial¹⁰.

Por outro lado, o PT-SP possui sobre-representação de negros comparativamente à

¹⁰ Em conversas informais entre o pesquisador e filiados do Tucanafro-SP durante o campo, quando interrogados acerca da institucionalização dos espaços para os negros no PSDB-SP, as respostas eram dadas com o uso do verbo no futuro, algo que revela incipiência do grupo: “A luta é essa construir meios para ajudar os candidatos negros, não temos reserva de vagas para candidatura. E nossos vínculos com governo e secretarias são restritos, buscamos aumentar a participação de quadros negros no primeiro escalão”.

composição étnica do eleitorado; algo que destoa do padrão internacional de partidos não étnico, embora guarde relação com a mobilização dos negros em sua trajetória¹¹. Tal condição, estimula os diretórios municipais angariarem grupos minoritários, sob pena de serem punidos e rebaixados para comissões provisórias.

Durante o 5º Congresso do PT em 2014, mesmo com cerca de 22% do eleitorado petista participante (32.921 filiados) de negros ou índios; o partido apresentou dificuldades no cumprimento das cotas étnicas. De acordo com Florisvaldo Souza (secretário de organização nacional do PT), pelo menos 199 diretórios municipais foram transformados em comissões provisórias por não cumprirem as cotas étnicas, de gênero e etárias¹².

No caso petista, o “lado da demanda” apresenta estímulos comparativamente maiores aos dos tucanos para filiação de minorias étnicas. Em contraste, o PSDB-SP possui maiores chances de aprofundar o distanciamento em relação às características do eleitorado ao longo do tempo, com uma estratégia inercial e adaptativa. Cabe salientar, em ambos os partidos, a questão central não é abordada: equalização de oportunidades passa inevitavelmente pelo lançamento e viabilização das candidaturas de minorias, além da ocupação de cargos relevantes tanto nos partidos como no Estado. Nas eleições municipais de 2016, do total de candidaturas no estado de São Paulo, os tucanos lançaram 79,84% e os petistas 68,83% de brancos¹³.

Discrepâncias de gênero e etnia no topo das organizações partidárias não surgem e operam no vácuo – são facilmente identificadas pelo número reduzido de mulheres e de minorias parlamentares, membros das executivas ou ocupando apenas cargos alegóricos com pouco poder de facto. Os canais de ascensão, como seleção de candidatos, escolha de delegados e de lideranças encetam de uma situação de desequilíbrio na base; ainda que medidas institucionais paliativas sejam patrocinadas e possam produzir efeitos de maior igualdade (RAHAT, HAZAN e KATZ, 2008).

3.2) *Party Membership*, educação, profissão e associativismo.

O outro eixo dos sistemas de desigualdades, que impacta na conformação das

¹¹. O movimento negro é formativo do PT – a primeira comissão de negros aconteceu em 1982 – com a criação da subsecretaria de assuntos negros durante o Segundo Encontro Nacional: O PT e a questão racial em 1989. A Secretaria Nacional de Combate ao Racismo (SNCR) e suas seções estaduais e municipais têm origem em 1995, em conjunto com o processo de centralização e aumento da inclusividade via instauração dos Encontros Nacionais e o PED. O 4º Congresso do PT também deliberou a reserva de vagas étnicas, com cota mínima de 20% para composição das direções de negros e outras minorias.

¹² Souza, Florisvaldo, “PT tem novo perfil dirigente”, Teoria e Debate, 2014.

¹³Fonte: TSE.

memberships partidárias, são os constitutivos do modelo do *voluntarismo cívico*. Dentre eles, o principal é o elemento educacional; considerado especialmente associado ao engajamento em atividades políticas de elevada intensidade (WHITELEY, 2010, p.27). Partindo da perspectiva da “oferta”, os mais educados tendem a desenvolver maiores disposições ao engajamento partidário. E do lado da “demanda” representam uma *commodity* (ou recurso) relevante no funcionamento da organização, dispondo de mais recursos do que a média do eleitorado.

Tal equilíbrio é favorável àqueles detentores de elevados níveis educacionais e fortemente excludentes em relação aos demais. Ao longo do tempo, os partidos socialdemocratas acabaram paulatinamente perdendo capilaridade e a capacidade de cultivar vínculos, recrutar e mobilizar filiados entre o operariado e os sindicatos (*blue-collars*). Tal contração deu-se *vis-à-vis* à emergência dos partidos populistas e de extrema direita; especialmente junto aos desempregados e a baixa classe média (IGNAZI, 1992; SANDRI, SEDONNE e BULLI, 2015). A média total é de 56,5% dos filiados apresentam ensino superior na Europa (VAN HAUTE e GAUJA, 2015, p. 195).

De modo semelhante ao contexto europeu, achados com delegados do PT e PSDB retratam elevada propensão de acúmulo educacional diante da média do eleitorado. A tabela X abaixo demonstra o nível de escolaridade dos filiados petistas e tucanos no estado de São Paulo, comparativamente à média da população jovem e adulta. Por razões óbvias, os jovens apresentam menores níveis de escolaridade; algo análogo a outros recursos políticos e materiais. Em conformidade com os padrões de outras democracias, ambos os partidos e grupos etários apresentam larga assimetria em relação à média do eleitorado, contribuindo como substrato empírico favorável à afirmação de Van Haute e Gauja (2015), que os filiados são também fragmentos de “elites sociais”.

O quadro de filiados jovens do PSDB-SP é menos educado do que o PT-SP; tendência replicada entre os filiados jovens; mesmo agregando aqueles com curso superior completo e incompleto os números ainda são díspares. Admitindo o PSDB-SP como parâmetro comparativo, partido caracterizado pelos débeis vínculos com a sociedade civil, verifica-se o reduzido potencial do PT-SP em atrair filiados de baixo nível educacional. Melhor dizendo, o partido não equaliza oportunidades participativas dos cidadãos com recursos cívicos limitados, mesmo cultivando historicamente identidade e laços com setores sindicais (especialmente a CUT, o seu braço sindical) e os movimentos sociais.

Tabela VI – Filiados do PT e PSDB por nível de escolaridade em São Paulo (%)

	PT-SP CESOP	Jovem PT-SP	PSDB-SP CESOP	Jovem PSDB-SP	População	População Jovem
Fundamental incompleto ou menos	–	–	–	–	34,7	9,9
Fundamental Completo	6,3 (4)	1,4 (1)	4 (2)	9,8 (7)	8	23,3
Médio Incompleto	3,2 (2)	1,4 (1)	0% (0)	1,4 (1)	21,8	23,3
Médio Completo	22,2 (14)	9,5 (7)	31,4 (16)	22,5 (16)	22,8	57,8
Superior Incompleto	19 (12)	44,6 (33)	15,7 (8)	38 (33)	4,6	–
Superior Completo ou Mais	50,8 (32)	43,2 (32)	49 (25)	28,1 (32)	7,8	12,6
Total	100 (63)	100 (74)	100 (51)	100 (71)	100	100

Fonte: Fonte:Survey Filiados-SP, CESOP, 2013; Survey Filiados jovens-SP, aplicado pelo autor, 2015 e DIEESE, 2016. (N=327).

Em termos educacionais, o PT-SP apenas impulsiona (*toboost*) ainda mais a capacidade participativa e o engajamento dos cidadãos mais educados. Ainda que, conforme sugere Amaral (2010), o partido tenha reduzido determinadas barreiras de filiação; isso parece não ter afetado o lado da “oferta” em termos representativos frente aos eleitores – a resultante foi militantes menos engajados, porém sociologicamente distantes do perfil do eleitorado.

Essa contradição é verificada também em termos profissionais e de ocupação, a quantidade de trabalhadores industriais entre jovens e não jovens é menor no PT-SP relativamente ao PSDB-SP. Os filiados *blue-collars* – base originária e identitária do partido – são numericamente irrelevantes – metade da *membership* possui vínculo com a burocracia estatal, característica reproduzida também no PSDB-SP, com exceção da juventude tucana. Tucanos e petistas partilham de estreitos vínculos profissionais com o Estado. O ingresso no partido pode acarretar em facilidades na entrada ou ascensão no serviço público. Entre os petistas, 38% dos “*funcionários públicos*” ocupam cargos de confiança vinculados ao partido; a fração reduz para 24,3% considerando os jovens. No tocante ao PSDB-SP, entre os jovens “*funcionários públicos*” a dimensão é substantivamente menor 5,6%; aumentando drasticamente entre os tucanos mais velhos para 37,3%.

Tabela VII– Filiados do PT e PSDB por ocupação e ocupação de cargos vinculados aos

partidos em São Paulo (%)

Fonte: Fonte: Survey Filiados-SP, CESOP, 2013; Survey Filiados jovens-SP, aplicado pelo autor, 2015 (N=260)

Ocupação	Ocupantes de cargos relacionado aos partidos								
	PT-SP CESOP	Jovens PT-SP	PSDB-SP CESOP	Jovens PSDB-SP		Jovens PSDB-SP	PSDB-SP CESOP	PT-SP CESOP	Jovens PT-SP
Indústria	1,50 (1)	5,4 (4)	2 (1)	9,9 (7)	Cargo no partido remunerado (burocracia partidária).	5,6 (4)	7,8 (4)	14,1 (10)	5,4 (4)
Funcionário Público	50,8 (37)	40,5 (30)	52,9 (28)	15 (11)	Cargo no partido voluntário ¹⁴	18,3 (13)	-	-	10,8 (8)
Estatais/ Empresas Públicas	6,3 (5)	1,4 (1)	11,8 (6)	4,2 (3)	Cargo de confiança na administração pública ou servidor legislativo.	5,6 (4)	37,3 (18)	38 (27)	24,3 (18)
Outros	30,2 (20)	54,2 (38)	33,2 (17)	79 (48)	Represente eleito	1,4 (1)	4,2 (3)	4,2 (3)	5,4 (4)

A socialização política dos jovens filiados passa pela perspectiva da profissionalização e de auferir determinadas prebendas estatais via vínculo partidário; quaisquer expectativas de reversão desse fenômeno é bastante improvável. Na hipótese de a categoria profissional moldar os interesses dos filiados; os adeptos de ambos os partidos em São Paulo estão mais vinculados à burocracia do que às forças sociais e econômicas exteriores ao Estado.

Por fim, vinculações entre os membros e a sociedade civil; o associativismo é uma das variáveis fundamentais atreladas à filiação (ou *campaign activities*) e participação política de elevada intensidade (VERBA e NIE, 1973; VERBA *et al*, 1995; NORRIS, 2002) – membros de partidos tendem a possuir elevada vida associativa. Os dados aqui apresentados na tabela VIII estão circunscritos apenas aos jovens do PT-SP e PSDB-SP¹⁵.

Os jovens tucanos apresentam nível total de associativismo de 84,50% que dispõem algum elo com os corpos intermediários da sociedade civil, comparativamente maior aos petistas, que agregam cerca de 83,7% de membros com vínculos. Tal achado é bastante surpreendente frente aos apontamentos usuais da literatura sobre o PSDB; e assinala que os tucanos e petistas jovens não apresentam diferenças quantitativas relevantes de vínculos, mas com características qualitativas distintas de associativismo.

Tabela VIII– Filiados jovens do PT e PSDB por nível de associativismo em São Paulo (%)

¹⁴ Pergunta realizada apenas no survey dos jovens.

	Jovens PSDB-SP	Jovens PT-SP		Jovens PSDB-SP	Jovens PT-SP
Clubes	25,3 (18)	14,9 (11)	Rotary Club	4,2 (0)	0 (0)
Movimento Estudantil	33,8 (24)	13,5 (10)	Movimento Feminista	1,4 (1)	21,6 (16)
Sindicato	4,2 (3)	6,8 (5)	Ordem Demolay	8,5 (6)	1,4 (!)
ONG	17 (12)	1,4 (1)	Movimento Liberal	5,6 (4)	0 (0)
Maçonaria	8,5 (6)	1,4 (1)	Movimento Marxista/Socialista	0 (0)	8,1 (6)
Movimento Negro	1,4 (1)	13,5 (10)	Movimento pela legalização/liberalização das drogas	7 (5)	8,1 (6)
Obras de Caridade	20,1 (15)	8,1 (6)	Movimento LGBT	0 (0)	14,9 (11)
Igreja	43,7 (31)	33,8 (25)	Outro	0 (0)	8,1 (6)

Fonte: Survey Filiados jovens-SP.

O associativismo da juventude tucana aparece com maior força entre as modalidades como obras de caridade, movimento estudantil, ONG, igrejas, maçonaria, Rotary Club e clubes. Por outro lado, os petistas dispõem de vínculos mais substantivos de feição movimentalista, principalmente atrelados às minorias: feministas, LGBTs, negros, além dos sindicatos e de grupos intensamente e ideologizados. A diferença encontra-se no carácter reivindicatório da vida associativa do jovem do PT-SP, que aparenta pouco paralelo entre os filiados do PSDB-SP. De certo, os petistas apresentam maior aderência associativa em agendas pós-materialistas, sinalizando estreita conexão e coerência com tendências apresentadas anteriormente acerca das mulheres e negros.

Em síntese, os militantes do PT e do PSDB são majoritariamente homens, de idade elevada, graduado, funcionário público, com padrão médio ou alto de rendimento é consideravelmente elevada. Entre os jovens de ambos os partidos, essa tendência também é válida; os filiados jovens diferem drasticamente do perfil do eleitorado, principalmente em termos de gênero, educacionais, étnicos, profissionais e associativos; elementos idênticos aos encontrados por Cross e Young (2008) no Canadá e Bruter e Harrison (2009) na Europa

A hipótese I apresenta validade apenas parcial, sua primeira parte pode ser aceita, uma vez documentado empiricamente a ampla distinção dos filiados e filiados jovens em termos de *recursos cívicos* em face do eleitorado – os petistas e tucanos possuem *memberships* pouco representativa da população paulista. A segunda parte da hipótese I não pode ser completamente validada; o PT-SP apresenta semelhanças com PSDB-SP em termos de perfis de filiação; principalmente em termos de ocupação e escolaridade. Ao contrário do afirmado na hipótese, o partido não consegue integrar nas suas bases setores do eleitorado e com menores recursos, mesmo possuindo origem sindical e identidade atrelada aos trabalhadores.

Em resumo, considerando em termos da conformação sociológica da base de filiados; o PT-SP partilha de robustas semelhanças em relação ao PSDB-SP, ambas são marcadas pelo exclusivismo no acesso, profissionalização estatal (inclusive dos jovens) e elevados recursos cívicos dos membros. O *background* ou determinadas credenciais de acesso refletem estruturas de oportunidades restritas em termos de recursos, sobretudo em relação aos cidadãos paulistas mais pobres. As conclusões sobre o perfil dos filiados europeus podem ser expandidas ao cenário brasileiro– de acordo com Van Haute e Gauja (2015, p.10): “clearly, in this regard, members belong to a social elite if not fully to a political elite” .

4) H2 - O porquê os militantes do PT e PSDB em São Paulo participam? Narrativas do engajamento partidário.

Após investigar a dinâmica de envelhecimento dos partidos e aqueles que participam dos partidos através das distâncias entre o perfil social dos filiados do PT e do PSDB em relação ao restante do eleitorado em São Paulo. Agora, propõe-se compreender a dinâmica de interação entre organizações partidárias e indivíduos, analisando as formas de recrutamento, motivações, incentivos organizacionais e suas consequências no engajamento, mediante o uso de medidas subjetivas (a percepção dos filiados). O intuito é deslocar-se decrescendo na escala de abstração e observar os caminhos até os partidos, as motivações predominantes dos filiados e o nível de engajamento. O segundo eixo de análise é verificar os efeitos do radicalismo ideológico sobre os níveis de engajamento, comparando os partidos e as gerações de filiados.

4.1) - Os caminhos até os partidos políticos.

O modo como os filiados chegam até os partidos é imprescindível para compreensão das estratégias de recrutamento pelo lado da “demanda”. Os canais mais efetivos pelos quais os incentivos iniciais chegam aos filiados em potencial revelam os meios usualmente

empregados e o modo como os partidos captam os seus “recursos humanos. O “momento catalítico” de entrada não obrigatoriamente está conectado às razões individuais da filiação (os incentivos) e participação; o mecanismo parece relativamente idiossincrático na perspectiva da “oferta”. Apesar disso, é largamente informativo sobre as estratégias frequentes de abordagem por parte “demanda”. De um lado, os recursos cívicos; e de outro os incentivos, ambos conectados pela confluência de interesses.

Como demonstra os dados da tabela IX, o núcleo familiar, amigos e recrutadores (interpessoal) são os principais reprodutores dos vínculos partidários, exceto para os petistas jovens, cuja participação em associações aparece em primeiro plano. O grande diferencial petista é a filiação em decorrência da participação em sindicatos ou movimentos sociais, algo condizente com a trajetória do partido e suas vinculações originárias. De certo modo, isso também está ligado à qualidade das organizações sociais que os jovens petistas aparecem associados, condizente com alguma *issue* específica, portanto mais mobilizadoras e sujeitas aos estímulos partidários.

As novas tecnologias e a televisão, evidenciada pela abordagem do tipo *mediática*, demonstram baixo impacto no estímulo decisivo à filiação, ainda que possam ser usadas para abordagens iniciais de recrutamento ou de outras maneiras ao longo do processo de participação. Nesse sentido, ambos os partidos utilizam a *massmedia* visando o reforço das suas marcas eleitorais do que propriamente a atração de filiados e militantes. Da mesma forma, os ciclos eleitorais também parecem resultar em estímulos decisivos ao ingresso.

Os vínculos endógenos são a fonte predominantes: 60,8% dos petistas e 49,3% dos tucanos possuem familiares filiados; desses 52,7% de petistas e 28,2% de jovens tucanos possuem pai, mãe e irmãos filiados ao mesmo partido. Logo, a família é profundamente associada à reprodução do perfil social dos membros discutidos anteriormente. Em larga medida, os vínculos familiares possuem peso na filiação dos jovens, diretamente como *social norms incentives* ou indiretamente, conformando crenças e contribuindo na partilha de informações partidárias. A família, como núcleo íntimo, é o *locus* de reprodução social por excelência nas diversas dimensões da vida social e política (recursos cívicos, disposições e reforços) e não ocorre de modo diferente no caso dos partidos políticos¹⁶.

¹⁶ Pergunta realizada apenas no survey dos jovens.

Mibrath (1971, p.43) apontou: “The most closely knit in-group of all is the family, and family experience has profound impact on a person’s exposure to political stimuli and on his activity level in politics. Children growing up in a home with a high incidence of political discussion and a high intake level for political stimuli are more likely to maintain a high level of exposure to stimuli about politics when adults”.

Tabela IX- Principais métodos de recrutamento de filiados no PT e PSDB em São Paulo (%)

Total de filiados	Jovens PT-SP	PT-SP (CESOP)	Jovens PSDB-SP	PSDB-SP (CESOP)
<i>Interpessoal</i>	37,6	58,7	61,9	60,6
<i>(Família e Amigos)</i>	(27)	(39)	(44)	(31)
<i>Associativista</i>	39,2	30,1	14	5,9
	(29)	(19)	(10)	(3)
<i>Eleitoral</i>	4,1	8	7	9,8
	(3)	(5)	(4)	(5)
<i>Midiática</i>	14,9	1,6	12,7	9,8
	(12)	(1)	(9)	(5)
<i>Outros</i>	4,1	1,6	4,4	13,9
	(3)	(1)	(3)	(7)
N	100	100	100	100
$X^2=42.2743/p=0,003$				

Fonte: Survey Filiados-SP, CESOP, 2013; Survey Filiados jovens-SP, aplicado pelo autor, 2015 (N=266). Resultados considerados significativo a 1%; 5% e 10%. “Questão: Abaixo há algumas situações e peço que você assinale qual delas se aproxima da forma como ocorreu sua filiação? “. Na dimensão *Interpessoal* foram agregados as respostas: *Algum representante do partido me procurou/sugeriu a filiação, Um amigo/ membro da família sugeriu a filiação, Um político eleito (ou assessor) me procurou; Um funcionário público me procurou.* Na dimensão *Associativa* as questões: *Eu me filiei em decorrência da minha participação em um conselho (ex: conselho municipal de saúde); Eu me filiei em decorrência da minha participação em uma ONG Eu me filiei em decorrência da minha participação em sindicato ou movimento social; Eu me filiei em decorrência da minha participação em uma rede social.* A dimensão *Eleitoral* é composta pelas respostas: *Fui abordado durante um comício durante a campanha eleitoral, Um futuro candidato (ou assessor dele) me procurou, Fui me filiar porque planejei concorrer para um cargo eletivo.* E, finalmente, na dimensão *Midiática* as respostas são: *Procurei o partido após assistir a propaganda partidária e Eu me filiei em decorrência da minha participação em sindicato ou movimento social.*

4.2) As razões da participação e a taxonomia dos membros.

Ao contrário do voto, os custos de participação em partidos políticos não podem ser considerados desprezíveis, algo evidenciado pelo próprio perfil restrito dos integrantes. Essa seção tentará dar substrato empírico ao argumento de causalidade da participação. A finalidade é testar hipótese II, na qual se argumenta que os militantes paulistas do PSDB-SP e do PT-SP participam dos partidos majoritariamente por motivações ideológicas e estão mais próximos do modelo de participação *moral-minded*, com diferenças entre militantes e militantes jovens, sendo os primeiros ainda mais sensíveis aos incentivos ideológicos. Inspirado na “Lei de May” (1973), o segundo momento da hipótese é dedicado aos possíveis efeitos do radicalismo ideológico no engajamento partidário. Acredita-se que devido às características e trajetórias de ambas as organizações, os militantes petistas possuem posições ideológicas mais distantes do centro do espectro ideológico que os tucanos, aspecto correlacionado a um nível maior de participação interna, sendo os militantes jovens mais

ativos que os demais, e os petistas mais ativos que os tucanos.

Como supõe a literatura e demonstra a tabela X abaixo, que apresenta o número de horas dedicadas pelos filiados; valendo-se de semelhante critério delimitado por Amaral (2014), o ponto de secção escolhido entre “muito ativos” e “pouco ativos” foi de *vinte horas mensais* dedicadas às atividades partidárias. Assim como em outras democracias, os partidos em São Paulo possuem maiorias de filiados pouco ativos, com exceção dos jovens petistas, que congregam maiorias de muito ativos. As evidências apontam que os tucanos são menos engajados do que os petistas; e os tucanos jovens paulistas participam igualmente menos do que os demais membros do partido, tendência diametralmente oposta entre os jovens petistas.

Ainda na tabela X classifica-se as categorias de membros com base nos tipos ideais definidos por Bruter e Harrison (2009), derivados do Modelo Geral dos Incentivos, cujos principais componentes são: incentivos coletivos, seletivos e de processo. No sentido de operacionalizar o indicador, baseado na tipologia anteriormente teoricamente descrita, utilizou-se a questão: “Qual motivo levou você a se filiar ao partido?” – aplicada em ambos os surveys (CESOP e Jovens filiados).

Os membros que responderam “o partido representa minhas convicções políticas” foram classificados como *moral-mindedmembers*; aqueles que responderam “a tradição do envolvimento político da família” e “gosto da convivência e das atividades da vida partidária” foram classificados como *social-mindedmembers*. Por fim, os que optaram pelas alternativas “ser filiado aumenta as chances de emprego” e “pretendo seguir uma carreira política” foram classificados como *professional-mindedmembers*(WHITELEY e SEYD, 1992; WHITELEY, 1995; PANEBIANCO, 2005).

A despeito das diferenças na moldura, origem e trajetória de cada partido, os membros do PT e PSDB em São Paulo – jovens e os demais – tendem a ser majoritariamente motivados por incentivos coletivos, em contraposição aos seletivos e de processo. Assim como o esperado, os jovens de ambos os partidos são mais próximos do modelo *moral-minded* em relação aos filiados em geral, e os petistas em relação aos tucanos. Entretanto, comparativamente, os dois partidos também possuem mais jovens membros *professional-minded*, sendo especialmente verificado no caso dos jovens tucanos.

Tabela X – Tipos de filiados no e Níveis de EngajamentoPT-SP e PSDB-SP (%)

	Jovens PT-SP	PT-SP (CESOP)	Jovens PSDB- SP	PSDB-SP (CESOP)		Jovens PT-SP	PT-SP (CESOP)	Jovens PSDB- SP	PSDB-SP (CESOP)
<i>Moral-minded</i>	66,7 (48)	61 (36)	54,9 (39)	45,8 (22)	Menos de 20 horas ao mês	42,9 (30)	53,3 (32)	64,8 (46)	58,8 (30)
<i>Social-minded</i>	22,2 (16)	33,9 (20)	28,2 (20)	41,7 (20)	Mais de 20 horas ao mês	57,1 (40)	46,7 (28)	35,2 (25)	41,2 (21)
<i>Professional-minded</i>	11,1 (8)	5,1 (3)	17 (12)	12,5 (6)					
$X^2 = 12,936/p=0,043$					$X^2 = 7,275/p=0,063$				

Fonte: Survey Filiados-SP, CESOP, 2013; Survey Filiados jovens-SP, aplicado pelo autor, 2015 (N=251) Questão: Qual motivo levou você a se filiar ao partido? Construção da variável Modelo Tricotômico do engajamento, aqueles que responderam: 1-) “o partido representa minhas convicções políticas” foram classificados como *moral-minded*; 2-) “a tradição do envolvimento político da família” e “gosto da convivência e das atividades da vida partidária” foram classificados como *social-minded*; 3-) “ser filiado aumenta as chances de emprego” e “pretendo seguir uma carreira política” foram classificados como *professional-mindedmembers*. . Resultados considerados significativo a 1%; 5% e 10%. Questão: “Como filiado, quanto tempo você se dedica ao partido durante o mês?”.

Em termos de quantidade de membros, a faixa intermediária é ocupada pelos membros “*social-minded*”; sendo especialmente mais extensa entre os membros mais velhos e pertencentes ao PSDB-SP, – partido com a *partymembership* mais envelhecida. Usualmente, o jovem típico que participa dos partidos políticos, possui maiores alternativas de entretenimento. Em consequência, o partido como canal de convivência social possui significado mais restrito; algo que pode não ocorrer entre os outros filiados.

A fim de compreender a relação entre o Modelo Geral dos Incentivos e o engajamento partidário de alta intensidade atividade militante optou-se por empregar os indicadores apresentados no quadro I. Outras dimensões, relativas ao modelo do voluntarismo cívico e a *rationalchoice* clássica também foram adicionadas, como senso de eficácia participativa, variáveis socioeconômicas, etc. Muitos dos indicadores utilizam critérios próximos ou idênticos aos propostos por Amaral (2014).

Quadro I - Variáveis Relativas ao Engajamento de Alta Intensidade

Variáveis	
<i>Escolaridade</i> : variável dicotômica, seccionada entre os detentores de graduação ou mais e os demais respondentes	<i>Emprego</i> : variável dicotômica, membros que declararam possuir algum tipo de emprego foram separados dos demais.
<i>Influência pessoal no partido</i> : variável dicotômica construída com base na seguinte questão: “Pensando nas decisões do seu partido, o quanto o Sr (a) considera que influencia nessas decisões do seu partido, considerando uma escala de 1 a 7, em que 1 significa que influencia pouco e 7, muito”. Separaram-se os respondentes entre os que responderam 6 e 7 e os demais.	<i>Influência do partido no contexto político</i> : análoga à <i>influência pessoal no partido</i> , com base na questão: “Agora pensando na importância do seu partido, o quanto o Sr (a) considera que o seu partido tem influência na política do País, considerando uma escala de 1 a 7, em que 1 significa que tem pouca influência e 7, muita”.
<i>Radicalismo ideológico</i> : variável dicotômica, que visa mensurar o efeito dos posicionamentos ideológicos sobre a participação partidária, inspirada na “Lei da disparidade Curvilinear”. A partir da questão de auto-localização ideológica, em uma escala que varia de zero até dez (0 esquerda -10 direita); os membros que se auto-localizaram entre zero até dois (0-2) e oito até dez (8-10) foram segregados dos demais.	<i>Recrutamento via sociedade civil organizada e/ou amigos e família</i> : variável dicotômica; o momento catalítico da filiação pode ter algum tipo de impacto na atividade partidária; os indivíduos que se filiaram via estímulos de amigos e/ou parentes, participação em ONG ou organizações da sociedade civil foram segregados daqueles que se filiaram de outra maneira.
<i>Recrutamento via sociedade civil organizada e/ou amigos e família</i> : variável dicotômica; o momento catalítico da filiação pode ter algum tipo de impacto na atividade partidária; os indivíduos que se filiaram via estímulos de amigos e/ou parentes, participação em ONG ou organizações da sociedade civil foram segregados daqueles que se filiaram de outra maneira	<i>Modelo Geral dos Incentivos</i> : variável tricotômica, que compreendem os filiados classificados como <i>profissional</i> -, <i>moral</i> -, <i>social-minded</i> . A categoria de referência utilizada na análise foram os <i>moral-minded members</i> .

Fonte: Elaboração Própria

A tabela XIX demonstra as variáveis decompostas pelos níveis de engajamento dos filiados: “baixa atividade” e “alta atividade” – com ponto de corte idêntico ao da tabela X: *vinte horas dedicadas* ao mês para atividades partidárias. No caso do PT, os indicadores que demonstraram significância estatística nos testes de associação são (testes de *qui-quadrado*): o radicalismo ideológico está associado aos elevados níveis de participação; os incentivos coletivos também aparecem associados aos altos níveis de engajamento partidário. De maneira oposta, atrelado aos baixos níveis de ativismo, estão os incentivos de processo. No que se refere aos jovens petistas o cenário é idêntico: os incentivos coletivos são altamente associados aos elevados níveis de engajamento, com os incentivos de processo vinculados aos níveis de participação mais baixos. Ainda no caso dos jovens do PT, a grande percepção de influência individual no partido também aparece como significativamente associada aos baixos níveis de participação.

Por outro lado, no PSDB, a elevada percepção de influência individual demonstra estar associada à participação de alta intensidade no sentido de estimular os elevados níveis de atividade. Nesse caso, outras variáveis também apresentaram associação estatística, como o caso da escolaridade vinculado aos elevados níveis de participação, e também o radicalismo ideológico juntamente com os incentivos de processo, ambos vinculados aos baixos níveis de

engajamento. Em relação aos jovens tucanos, o senso de eficácia individual é a única variável que aparece fortemente associada aos elevados níveis de engajamento partidário (sig< 0,002).

Tabela XIX – Características dos filiados ao PT-SP e ao PSDB-SP por nível de atividade(%)

Variáveis	PSDB-SP CESOP		PT-SP CESOP		PT Jovens		PSDB Jovens	
	Baixa Atividade	Alta Atividade	Baixa Atividade	Alta Atividade	Baixa Atividade	Alta Atividade	Baixa Atividade	Alta Atividade
Escolaridade:								
ensino superior ou mais	48 (12) $X^2=2,37^*$	52 (13)	53,6 (15) $X^2=0,001$	46,4 (13)	36,6 (15) $X^2=1,590$	63,4 (26)	60 (12) $X^2=0,369$	40 (8)
Emprego:								
Empregado	58,8 (30) $X^2=1,502$	41,2 (51)			40,6 (26) $X^2=0,134$	59,4 (38)	62,7 (37) $X^2=0,192$	37,3 (22)
Eficácia pessoal no partido:								
elevada percepção de eficácia	40 (6) $X^2=3,10^{**}$	60 (9)	50 (27) $X^2=0,255$	50 (27)	71,4 (5) $X^2=2,764^*$	28,6 (2)	39,1 (33) $X^2=9,4^{***}$	60,9 (19)
Influência do partido no contexto político								
Elevada percepção de influência	54,1 (20) $X^2=1,266$	45,9 (17)	49,0 (25) $X^2=2,41^*$	51,0 (26)	42,3 (22) $X^2=0,25$	57,7 (30)	63,5 (9) $X^2=0,44$	36,5 (14)
Radicalismo ideológico								
Elevado nível de radicalismo	70,8 (17) $X^2=2,7^*$	29,2 (7)	47,4 (18) $X^2=3,91^*$	52,6 (20)	43,1 (22) $X^2=0,020$	56,9 (29)	64,3 (18) $X^2=0,492$	35,7 (10)
Modelo geral dos Incentivos:								
<i>moral-minded</i>	54,5 (12) $X^2=0,58$	45,5 (10)	44,1 (15) $X^2=2,3^*$	55,9 (19)	34 (16) $X^2=6,3^{***}$	66 (31)	59 (23) $X^2=1,82$	41 (16)
<i>social-minded</i>	75 (15) $X^2=3,49^{**}$	25 (5)	63,2 (12) $X^2=2,3^*$	36,8 (7)	64,3 (9) $X^2=2,90^{**}$	35,7 (5)	75 (15) $X^2=1,27$	25 (5)
<i>professsional-minded</i>	33,3 (2) $X^2=2,1$	66,7 (4)	66,7 (2) $X^2=0,281$	33,3 (1)	71,4 (5) $X^2=2,3$	28,6 (2)	66,7 (6) $X^2=0,02$	33,3 (4)
Recrutamento via sociedade civil organizada e/ou amigos e família:								
recrutamento via vínculos sociais	77,8 (7) $X^2=2,92$	22,2 (2)	58,8 (20) $X^2=0,950$	41,2 (14)	39,5 (15) $X^2=0,998$	60,5 (23)	72,4 (21) $X^2=0,879$	27,6 (8)

Fonte: Survey Filiados-SP, CESOP, 2013. (N=108).. Resultados considerados significativo a 1%; 5% e 10%.

Análises bivariadas, embora úteis na compreensão do fenômeno do engajamento, são insuficientes para compor inferências causais e verificar o impacto real dos diversos

incentivos na participação dos filiados. À procura de chegar ao mecanismo causal do engajamento nos partidos; avaliou-se a capacidade explicativa do Modelo Geral dos Incentivos e das outras variáveis via regressão logística binária. A variável dependente de todos os modelos é o nível de participação, dividida de modo binário entre “alto nível” (1) e “baixo nível” (0). Dado o número reduzido de casos em cada *survey*, utilizou-se o método de entrada condicional, e somente os melhores modelos são apresentados em cada partido e grupo de filiados.

Tabela XX- Resultados das regressões logísticas em relação ao total de respondentes do PT e PSDB - Survey com filiados CESOP.

	PSDB-SP CESOP	PT-SP CESOP	PT Jovens	PSDB Jovens
	Exp(B)	Exp(B)	Exp(B)	Exp(B)
Escolaridade	-	-	-	-
Emprego	-	0,157*	-	-
Eficácia individual no partido	3,200**	-	0,280*	0,132***
Influência do partido no contexto político	-	-	-	-
Radicalismo ideológico	-	0,367*	-	-
Recrutamento via sociedade civil e/ou amigos e família	-	-	-	2,645*
<i>Modelo tricotômico do Engajamento¹</i>	-	-	-	-
<i>Moral-Minded</i>	-	-	4,055**	-
<i>Social-minded</i>	0,594*	-	-	-
<i>Professional-minded</i>	-	-	-	-
Constante	-,414	0,141	0,273	0,003
R ²	0,168	0,122	0,168	0,251
N	48	60	67	63

Fonte: Survey Filiados-SP, CESOP, 2013. Resultados considerados significativo a 1%; 5% e 10% (N=110). Variável dependente: nível de engajamento (1) “alto nível de atividade” e (0) “baixo nível de atividade”.

Considerando o Modelo Geral dos Incentivos, no PSDB os membros *social-minded* tendem a apresentar níveis de participação reduzida; e na juventude do PT os *moral-minded* tendem a participar de modo mais intenso. Dentre as variáveis de carácter estrutural, a ocupação apresentou impacto negativo significativo na participação no caso do PT, reduzindo a probabilidade de engajamento. Ao contrário do apresentado nos testes de associação, o modo de recrutamento, advindo de setores da sociedade civil e da família, no caso da juventude tucana é um importante estímulo, algo condizente com a descrição anterior: o tipo de engajamento social dos jovens tucanos não concorre diretamente com a militância partidária.

A variável radicalismo ideológico também apresentou significância estatística apenas no PT, porém contrariamente ao sentido esperado pela hipótese, reduzindo a probabilidade de engajamento: dentre as explicações cabíveis, os filiados altamente radicalizados, diante da impossibilidade de vislumbrarem nas organizações partidárias veículos capazes de concretizarem suas utopias, optam pelo baixo engajamento e não doam muito do seu tempo aos partidos. Por conseguinte, a proposição de que militantes (filiados muito ativos) são extremistas e radicais carece de pleno substrato empírico no caso do PT-SP e do PSDB-SP.

Em relação outras variáveis comportamentais, a única que apresentou alguma significância estatística foi o sentido de influência pessoal no partido. No caso da juventude tucana, confirmando os testes de associação: quanto maior o senso de eficácia da ação individual maior a probabilidade de participação de elevada intensidade. Por sua vez, na juventude petistas o senso de eficácia individual reduz a intensidade do engajamento, algo condizente com a predominância dos incentivos coletivos. Desse modo, valida-se parcialmente a hipótese II, visto que apenas no PT os jovens *moral-minded* aparecem mais associados à participação de alta intensidade, no PSDB o senso individual de eficácia é preponderante nos membros em geral e filiados jovens.

5) Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi analisar PT e PSDB com enfoque na juventude dentro de uma lógica econômica do engajamento partidário, na qual os custos e benefícios são cruciais para compreender e explicar o fenômeno da militância e da filiação – partidos e membros funcionam ao mesmo tempo como clientes e “bens de consumo” (SCARROW, 2015). Os resultados demonstram, no nível agregado, PT e PSDB estão envelhecendo e encontram-se cada vez mais distantes da juventude: mesmo o PT apresentando comparativamente mais jovens, o partido também envelhece de modo mais acelerado. Ambos os partidos estão longe de integrarem os jovens no sistema político, tais sinais semelhantes são encontrados em diversas democracias consolidadas (BRUTER e HARRISON, 2009; SCARROW e GEZGOR, 2010).

No nível individual, o perfil dos membros partilham fortes semelhanças, principalmente em relação à profissionalização da militância, os partidos se adaptam às desigualdades e assimetrias da participação. Em que pese, o PT ainda consiga integrar comparativamente mais minorias (mulheres e negros) do que o PSDB. A família exerce função relevante no recrutamento e na transmissão dos valores partidários em ambos os

partidos – principalmente entre os jovens – cabe mais pesquisas futuras qualitativas na compreensão desse relevante processo.

Em geral a maioria dos filiados de ambos os partidos são idênticos aos encontrados em outras democracias atualmente: *moral-minded members* de baixa atividade. Ainda assim, de acordo com Scarrow (1994, p.52): “like good anglers, party organizers are probably aware that different types of lures tend to attract different types of fish”. As diferenças mais impactantes entre os partidos foi a predominância dos incentivos coletivos na mobilização da militância jovem petista e o elevado senso de eficácia individual: mais efetivo no PSDB comparativamente o PT e mais forte entre os jovens tucanos. O radicalismo ideológico não impacta significativamente o engajamento de elevada intensidade em partidos. Em termos gerais, PT e PSDB em São Paulo possuem militantes parecidos entre si e também em relação ao padrão encontrado em outras democracias.

Bibliografia

- ALMOND, G.; VERBA, S. The Civic Culture. New Jersey: PUP, 1963.
- AMARAL, O., Por dentro as bases partidárias: uma análise do perfil dos filiados a partidos políticos no estado de São Paulo, 12º Congresso da Brazilian Studies Association (Brasa), 2014.
- _____. Ainda conectado: o PT e seus vínculos com a sociedade. Opinião Pública, Campinas, v. 17, n. 1, p. 1-44, 2011.
- _____. As transformações na organização do Partido dos Trabalhadores entre 1995 e 2009. Tese Doutorado. UNICAMP: Campinas, 2010.
- AVELAR, L. Dos movimentos aos partidos: a sociedade organizada e a política formal. Revista Política e Sociedade. Nº 11, p. 101-116, 2007.
- BARTOLINI S., 'The Membership of Mass Parties: The Social Democratic Experience 1889-1978', In Daalder H. and Mair P. (eds), Western European Party System. Continuity and Change, Beverly Hills, Sage, p. 177-220, 1983.
- BARTOLINI, S.; MAIR, P. „Challenges to Contemporary Political Parties“, in Larry Diamond and Richard Gunther (eds) Political Parties and Democracy. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, p.327-343, 2001..
- BORBA, J. Participação política: uma revisão dos modelos de classificação. Sociedade e estado. vol.27, n.2, p.263-288. 2012
- BRAGA, M. S. S.; PIMENTEL, J. Jr. Os partidos políticos brasileiros realmente não importam? Opinião Pública, Campinas, v. 17, n. 2, p. 271-303, nov. 2011.
- BRUTER, M.; HARRISON S. The Future of our Democracy. Londres, Palgrave Macmillan 2009.
- CLARK, P. B.; WILSON, J. Q. Incentive system: A theory of organization. Administrative Science Quarterly 6, p.129- 166, 1961.
- CROSS, W.; YOUNG, L. Factors Influencing the Decision of the Young Politically Engaged To Join a Political Party: An Investigation of the Canadian Case. Party Politics, v. 14, p.345-369, 2008
- DALTON, R. Citizen Politics: public opinion and political parties in advanced industrial democracies. 5. Ed. Washington, DC: CQ Press, 2008
- DOWNS, A. Uma teoria econômica da democracia. São Paulo: USP, 1999.
- DUVERGER, M. Os Partidos Políticos. Rio de Janeiro: Zahar/UnB, 1980.
- HARMEL, R. Party organizational change: competing explanations?, em Luther, Kurt Richard & HEIDAR, K. “Party membership and participation”. In: Katz, Richard S. and Crotty, William J. (Eds.). Handbook of Party Politics. London: Sage Publications, 301-315. 2006.
- _____. The Polymorphic Nature of Party Membership, European Journal of Political Research 25, p.

61–86,1994.

_____. „What would be nice to know about party members in European democracies?“, Paper presented at the ECPR Joint Session of Workshops, Helsinki, 2007.

INGLEHART, R.; WELZEL, C. Modernização, mudança cultural e democracia: a sequência do desenvolvimento humano. São Paulo, Francis, 2005.

IGNAZI, P. The Silent Counter-Revolution. Hypotheses on the Emergence of Extreme Right-Wing Parties, “European Journal of Political Research”, 22: 3-34.1992.

KATZ, R., Party as linkage: A vestigial function?. European Journal of Political Research, Issue 18, pp. 143-161,1990.

KATZ, R. S. “Should we believe that improved intra-party democracy would arrest party decline?” In The Challenges of Intra-Party Democracy, eds. William P. Cross and Richard S. Katz. Oxford: OxfordUniversity Press. 2013.

KATZ, R.; MAIR, P., Changing Models of Party Organization and Party Democracy: The Emergence of the Cartel Party. Party Politics, 1(1), 1995, pp. 5-28.

KATZ, R.; MAIR, P., The Cartel Party Thesis: A Restatement. Perspectives on Politics, 7(4), p. 753-766, 2008.

KECK, M. E. PT – a lógica da diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira. São Paulo: Ática, 1991.

LEIGHLEY, J. E. "Attitudes, opportunities and incentives: a field essay on political participation". PoliticalResearchQuarterly, 48, p. 181-209, 1995.

LIMONGI, F.; CORTEZ, R.; As eleições de 2010 e o quadro partidário. Revista Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 88, 2010.

MAIR, P. Democracy Beyond Parties. Working Paper 05/06 - Center for the Study of Democracy, University of California, 2005

MAIR, P.; VAN BIEZEN, I., Party Membership in Twenty European Democracies, 1980-2000. Party Politics, 7(1), p. 5-21, 2001.

MAY, J. D. Opinion structure of political parties: The special law of curvilinear disparity. PoliticalStudies, v. 21, n. 2, p. 135-151, 1973.

MENEGUELLO, R., PT: A formação de um partido, 1979-1982. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

_____; AMARAL, O; BIZZARRO NETO, F. A semelhança dos adversários: Uma análise do perfil das elites intermediárias do PT e do PSDB. 2014 LasaCongress, Chicago, 2014

MILBRATH, L. W., Political Participation. Chicago: RandMcNally, 1965.
1981.

NORRIS P.; LOVENDUSKJ, Political Recruitment: Gender, Race and Class in the British Parliament. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

NORRIS, P. Democratic Phoenix: Reinventing political activism. New York: Cambridge University Press, 2002.

OLSON, M. A Lógica da Ação Coletiva.. São Paulo. Edusp, 2011.

PANEBIANCO, A. Modelos de Partidos. Organização e poder nos partidos políticos, São Paulo, Martins Fontes, 2005.

PEDERSEN, K. Party membership in Denmark Fluctuating membership figures and organizational stability. In: Emile Van Haule e AnikaGauja (eds) Party Members and Activists, London, Routledge, 2015.

PIZZORNO, A. Introduccion al estudio de La participacion política. In: Participación y cambio social em lá problemática contemporânea. Buenos Aires, SIAP, 1975.

POGUNTKE, T., SCARROW, S.E., WEBB, P.D., PartyRules, PartyResources, andthePoliticsofParliamentaryDemocracies: HowParties Organize in the 21st Century. PartyPolitics, 2016.

RAHAT, G.; KENIG, O. Party membership in Israel: the era of party primaries. In: Emile Van Haute e AnikaGauja (eds.), Party Members and Activists, London, Routledge, 2015.

RAHAT G., HAZAN, R.Y. & KATZ, R.S., 2008. Democracy and Political Parties: On the Uneasy Relationships between Participation, Competition and Representation. Party Politics, 14(6), pp.663–683.

RIBEIRO, P. F. Dos sindicatos ao governo: a organização nacional do PT de 1980 a 2005. São Carlos: EdUFSCar/FAPESP, 2010.

- _____. What Do These People Want? Membership and Activism in Brazilian Political Parties. Salamanca, 42nd ECPR Joint Sessions of Workshops, 2014.
- _____. LOCATELI L.G.B. "Party Membership in Brazil: Age and Polity Size in a Longitudinal Perspective (1980-2014), 3rd Forum of Sociology, International Sociological Association (ISA), Vienna, 2016.
- _____. LOCATELI L.G.B. "How Parties Organize in Brazil: Party Structures and Resources", Paper prepared to the 113th APSA Annual Meeting, American Political Science Association (APSA) San Francisco, CA, August-September 2017.
- ROMA, C. A. institucionalização do PSDB entre 1988 e 1999. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 71-92, 2002.
- _____. Organizaciones de partido en Brasil: El PT y el PSDB bajo perspectiva comparada. *América Latina Hoy*, Salamanca, n. 44, p. 153-184, 2006.
- ROKKAN, S.; CAMPBELL, A. "Citizen Participation in Political Life: Norway and the United States of America", *International Social Science Journal* 12, 1960.
- SANDRI, J. SEDDONE A. BULLI G. Party membership in Italy In: Emile Van Haute e Anika Gauja (eds.), *Party Members and Activists*, London, Routledge, 2015.
- SCARROW, S. The 'paradox of enrollment': Assessing the costs and benefits of party memberships. *European Journal of Political Research*, 25(1), p. 41-60, 1994
- _____. Parties without Members? Party Organization in a Changing Electoral Environment. In: Russell Dalton and Martin Wattenberg (eds.), *Parties without Partisans*. Oxford: Oxford University Press, p. 79-101, 2000
- _____. „Political Activism and Party Members“, In: Dalton R. J., Klingemann H.- D. (eds.), *Oxford Handbook of Political Behavior*. Oxford: Oxford University Press, p. 636-654, 2007
- _____. ; Multi-Speed Membership Parties: Evidence and Implications. Salamanca, 42nd ECPR Joint Sessions of Workshops, 2014.
- _____. ; GEZGOR, B. Declining memberships, changing members? European political party members in a new era. *Party Politics Online* First, London, p. 1-21, 2010.
- _____. ; Parties and Their Members. Oxford: OUP, 1996.
- _____. ; E.; WEBB, P.; FARRELL D. F. From Social Integration to Electoral Contestation: The Changing Distribution of Power within Political Parties, in: Russell Dalton and Martin Wattenberg (eds) *Parties without Partisans*. Oxford, Oxford University Press, 2000.
- _____. ; WEBB, P., 2017. Investigating Party Organizations: Structures, Resources, and Representative Strategies. In: Susan Scarrow; Paul Webb; Thomas Poguntke (Eds.): *Organizing Political Parties: Representation, Participation and Power*. Chapter 1, Oxford University Press.
- _____. ; PONCE, A; 2013, „Party Members vs. Party Sympathizers in a Period of Declining Membership: Who Does What (and with Whom)?“, SSRN. Available at: <http://ssrn.com/abstract=2313935>.
- SEYD, P; WHITELEY, P. *Labour's Grass Roots: The Politics of Party Membership*. Oxford: Clarendon, 1992.
- SPECK, B. Political ambition and the spoils of victory: An exploratory analysis of party membership in Brazil. Salamanca, 42nd ECPR Joint Sessions of Workshops, 2014.
- SPECK B., et al., Estudo exploratório sobre filiação e identificação partidária no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, 23(56), 2015, p. 125-148, 2015.
- SPIER, T.; KLEIN, M. Party Membership in Germany: Rather Formal, therefore uncool? In: Van Haute e Anika Gauja (eds.), *Party Members and Activists*, London, Routledge, 2015.
- VAN BIEZEN, I.; MAIR, P; POGUNTKE, T. Going, going,...gone? The decline of party membership in contemporary Europe. *European Journal of Political Research*, 51, p. 24-56, 2012.
- VAN HAUTE E.; GAUJA A. (eds), *Party Members and Activists*. London: Routledge, 2015
- VAN HAUTE E.; K.; PEDERSEN, K. K.; SCARROW S., "Variations in Party Affiliation: Does Form Shape Content?" Paper prepared for presented at ECPR Joint Session of Workshops. 2014
- _____. et al., Explaining Recent Variations in Party Membership Levels, 3rd Forum of Sociology, International Sociological Association (ISA), Vienna, 2016.
- VERBA, S; NIE, N. *Participation in America: Political Democracy and Social Equality*. Chicago: UCP, 1972.
- VERBA, S., SCHLOZMAN, K.L.; BRADY, H.E. *Voice and equality. Civic voluntarism in American*

politics. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1995.

_____. "Prospecting for Participants: Rational Expectations and the Recruitment of Political Activists." *American Political Science Review* 93. p.153-168, 1999.

VERBA, S.; NIE, N. H.; KIM, J. O. *The modes of democratic participation: a cross-national comparison*. Sage, Beverly Hills, California, 1971.

WHITELEY, P.; P. SEYD; J. RICHARDSON, *True Blues: the Politics of Conservative Party Membership*, Oxford University Press, 1994.

WHITELEY, P. *Are Groups Replacing Parties? A Multi-Level Analysis of Party and Group Membership in the European Democracies*. Paper Presented at 'Britain After Blair' Conference. Chicago, British Politics Group of the American Political Science Association, 2007.

WHITELEY, P. F. "Rational choice and political participation - evaluating the debate". In: *Political Research Quarterly*, 48, , p. 211-233, 1995.

WHITELEY, P. *Is the party over? The decline of party activism and membership across the democratic world*. *Party Politics*, London, v. 17, n. 1, p. 21-44, 2011.